

Homeopatia: uma realidade evidente

Germán Guajardo Bernal

Resumo

A homeopatia é uma descoberta nas ciências naturais com muitas facetas. Começou como um ramo das ciências da saúde, uma terapêutica utilizada nas grandes epidemias europeias, iniciadas no século XVII e que perduraram até o XIX. Com o tempo, outras disciplinas, como a física, a biologia, a físico-química, a eletrônica e a agronomia, passaram a se interessar na homeopatia. No presente artigo, são revisadas as etapas históricas do desenvolvimento das bases científicas da homeopatia, desde sua formulação na virada do século XVIII, assim como discutidas as perspectivas presentes e futuras.

Palavras-chave

Homeopatia; Medicina; Ciência básica e aplicada; Modelos de pesquisa

Homeopathy: a patent reality

Abstract

Homeopathy is a multi-faceted discovery within the realm of natural science. It began as a branch of the health sciences, a therapeutic approach widely used in the major epidemic outbreaks that devastated Europe starting in the 17th century and persisting until the 1800s. Also other fields of knowledge, like physics, biology, physical chemistry, electronics and agronomy, began to take an interest in homeopathy over time. In the present study, the historical stages in the development of the scientific basis of homeopathy are reviewed, and its present and future perspectives are discussed.

Keywords

Homeopathy; Medicine; Fundamental and applied science; Research models

Introdução

A prova de que a classe médica é capaz de realizar observações sistemáticas e de desenvolver um método terapêutico, eficaz e transcendente, em saúde pública, é dada pela vacinação global contra a varíola, a partir do final do século XVIII. Não eram cientistas ‘puros’ e trabalharam muito antes de que surgissem os instrumentos e a metodologia que permitiram a explicação estrita da imunidade e muito antes, também, de que o desenvolvimento tecnológico permitisse explicar a carga viral. O mesmo é o caso da homeopatia, uma terapêutica desenvolvida por médicos entre finais do século XVIII e ao longo do XIX, mas que só no final do século XX pode ser submetida ao tipo rigoroso de análise que exigem a ciência e a tecnologia.

A homeopatia é uma descoberta nas ciências naturais com muitas facetas. Começou como um ramo das ciências da saúde, uma terapêutica utilizada nas grandes epidemias europeias, iniciadas no século XVII e que perduraram até o XIX. Com o tempo, outras disciplinas, como a física, a biologia, a físico-química, a eletrônica e a agronomia, passaram a se interessar na homeopatia. Foi a descrição da chamada “memória da água” que atraiu a atenção desses ramos das ciências naturais no século XX.

O primeiro documento sobre o novo método de tratamento, de 1796, foi seguido de duras críticas, porque assim como a vacina contra a varíola (1798), implicava em dar ao doente doses atenuadas de substâncias patogênicas. No entanto, ambas as imunoterapias foram sendo gradualmente aceitas pelos governos de diversos países ameaçados por epidemias de grandes proporções, com o varíola, da cólera, a escarlatina, a difteria e o tifo. No caso da homeopatia, foram adequadas instalações hospitalares para o atendimento dessas doenças.

Embora os fundamentos do método homeopático fossem estabelecidos no século XIX, a sua estruturação formal esteve ligada a 4 gerações de médicos e outros profissionais da saúde. Assim, ela emergiu de ampla experiência e descrições a partir do atendimento médico maciço em hospitais e epidemias. Embora a escola de Montpellier, sob a liderança de Jean Paul Tessier [1-3], conduzisse pesquisas homeopáticas bem sucedidas em hospitais, só por volta da metade do século XX que o tratamento homeopático começou a ser validado através de estudos clínicos controlados, a fim de incrementar o seu embasamento científico.

Embora essa era de aceitação popular e governamental da homeopatia não se extinguiu completamente, sim ficou eclipsada, no início do século XX, quanto foram introduzidas as opções da terapêutica bioquímica, com antibióticos, analgésicos, anti-histamínicos e hormônios, para satisfação da população.

Como foi que uma disciplina médica sem instituições de pesquisa especializadas ou de alto nível (doutorados em ciência, por exemplo) bem instalações, tecnologia ou recursos financeiros teve tanto sucesso? A mesma medida de sucesso que o da vacina contra a varíola. Ninguém ousaria questionar a honra de Edward Jenner (1759-1823), embora este célebre médico inglês desconhecesse a explicação científica de sua vacina, e mesmo a causa da infecção fosse ignorada, porque ainda não tinha sido desenvolvida a teoria infecciosa da doença (formulada a partir dos trabalhos de Louis Pasteur [1822-1895] em 1881). Tampouco eram conhecidos os mecanismos da defesa imunológica e só veio a se saber que o corpo é formado de células em 1839, com os trabalhos de Matthias Schleiden (1804-1881) e Theodor Schwann (1810-1882). Da mesma maneira, a homeopatia representa a descoberta de uma técnica terapêutica anteriormente à explicação profunda de seus efeitos. Tal como a vacina contra a varíola, a homeopatia podia ser descrita, mas não compreendida, descoberta, mas ainda não explicável.

A homeopatia no século XIX

Ao longo do século XIX, a técnica terapêutica homeopática foi ganhando precisão e definição, da onde o reconhecimento ao médico e estudioso da farmacologia germânico, Samuel Hahnemann (1755-1843), que deu início a essa aventura e encaminhou as indagações futuras.

Ao longo do Oitocentos, a homeopatia se consagrou, exclusivamente, ao amplo atendimento de moléstias, acrescentou novos medicamentos a sua farmacodinâmica e construiu hospitais e escolas de medicina. Apenas nos Estados Unidos, foram fundadas mais de 15 faculdades de medicina e homeopatia, destacando-se o Homeopathic Medical College of Pennsylvania, o New York Homeopathic Medical College, o Hahnemann Medical College, o Hering Medical College e o Dunham Medical College. Foi nessa época que o American Institute of Homeopathy estabeleceu a seguinte definição: “Médico homeopata é aquele que acrescenta ao seu conhecimento de medicina, um saber especial de terapêutica homeopática. Por tradição, por herança e por direito, pertence a ele tudo relativo à ciência médica”[4] .

Um século de sucesso no tratamento de epidemias e outras moléstias infecciosas deixava em claro que a homeopatia atuava estimulando a defesa do organismo contra os micróbios. Era, portanto, uma forma de imunoterapia. Sendo que os medicamentos homeopáticos não tinham capacidade de matar microrganismos, a homeopatia atuava através de mecanismos similares aos da imunoterapia através de vacinas, aumentando a defesa do organismo.

Homeopatia no século XX

No universo da medicina, que engloba o estudo da gênese, prevenção, cura e prognóstico da doença, a homeopatia surgia como uma forma inovadora de tratamento. Além disso, a sua capacidade para treinar o organismo no caso de infecção (princípio da vacinação, fazia com que tivesse um papel na prevenção de moléstias.

Na primeira metade do século XX, a homeopatia continuava sendo principalmente médica. Porém, a partir da década de 1940, com os trabalhos de E. Heintz, L. Wurmser e G.B. Stearns, começou a era na qual os homeopatas adentraram na ciência básica e aplicada, acatando, assim, o requisito fundamental da comunidade acadêmica: indagação experimental para identificar os mecanismos causais de todo fenômeno natural.

Os pioneiros, Erwin Heintz (pesquisador do laboratório de psicofisiologia da Universidade Louis Pasteur, Estrasburgo, França) e a francesa Lisa Wurmser, pesquisaram a absorção espectral infravermelha e a condutância elétrica dos medicamentos homeopáticos. Pouco depois, o médico anglo-americano Guy Sterns realizou os primeiros experimentos homeopáticos em cobaias e na mosca drosófila, em colaboração com a geneticista Mary Stark.

Já na segunda metade do século XX, iniciou-se a abordagem interdisciplinar quando, na França, o engenheiro eletrônico Alphonse Gay e o farmacólogo Jean Boiron publicaram 3 experimentos com 9 fármacos diferentes sobre as propriedades eletromagnéticas dos medicamentos homeopáticos. Inspirado pela pesquisa mundial em ciência básica e aplicada, o médico anglo-americano James Stephenson deu um novo sentido ao devir dessa disciplina médica, ao propor a natureza biofísica e físico-química da homeopatia. Stephenson coordenou os primeiros estudos de espectrofotometria por ressonância magnética, destinados, pela primeira vez, a descrever a estrutura físico-química dos fármacos dinamizados.

Essa era uma época ainda da classe e para a classe homeopática. Excetuando Heintz, que publicou na revista *Naturwissenschaften* (equivalente da *Nature*), os estudos gerados em centros e instituições de homeopatia eram publicados em revistas homeopáticas.

O boom experimental

A década dos 90 representou uma marca na história da homeopatia como ciência. Instigados pelas propostas inovadoras nas ciências naturais, agregaram-se grupos de todas as áreas, enquanto a interdisciplinaridade atingia sua maioridade. Participam, notavelmente, imunologistas, biólogos, biofísicos, engenheiros eletrônicos, botânicos, patologistas, zoólogos, agrônomos, físico-matemáticos, hematologistas, epidemiologistas, especialistas em medicina interna, farmacologistas. Como nem eram homeopatas nem trabalhavam para a homeopatia, o elevado nível acadêmicos dos mesmos (especialistas, mestres e doutores em ciência, fez com que a homeopatia aparecesse em revistas indexadas e revisadas por pares. A edição de 8 livros apresentando trabalhos experimentais selecionados por esses cientistas, permitiu a difusão digna dessa terapêutica nobre e prometedora [5-13]. Pelo rigor e a qualidade das pesquisa, começa a era na qual a homeopatia passa a ser publicada em revistas não homeopáticas, como *The Lancet*, *Chest*, *Haemostasis*, *Pediatrics* e *Human Toxicology* [14-18]. Além disso, também se dão publicações em revistas para as ciências naturais, como *Nature*, *FASEB* e *Modern Physics Letters* [19-22].

Desse modo, é introduzido um número crescente de experimentos randomizados, controlados, duplo cego e com análises estatísticas em diversas disciplinas, como a biologia, a botânica, a imunologia, a agronomia e a zoologia, ora promovendo o crescimento, protegendo tecidos, ora alterando funções e a fisiologia de organismos vivos.

Também ensaios clínicos rigorosos participaram nessa atividade febril, produzindo resultados animadores e reveladores, notável e inesperadamente na AIDS. Tem avanços na demonstração do potencial curativo da homeopatia em cistos ovarianos, artrite reumatoide, fibromialgia, alergias, asa, diarreia, conjuntivite epidêmica, otite média aguda, hiperatividade, obesidade, distócias, problemas durante a hemodiálise, ansiedade infantil no pré-operatório. Além disso, são documentados resultados positivos na estomatite aftosa, odontalgia, púrpura trombocitopênica, hemofilia.

Homeopatia no século XXI

O passo seguinte consiste na reprodução dos achados através de estudos multicêntricos, com a participação de instituições independentes. O século XXI é testemunha dessa fase importante na validação da evidência científica acumulada.

Foram 200 anos de observação anedótica e experimental em hospitais. As publicações nos trazem comentários, sugestões, conselhos e orientações, que foram dando forma a esse método terapêutico tão importante na nossa época. É tão extensa a literatura, abrange tantas especialidades em bibliotecas imensas, que é ela, ainda, a base para o trabalho atual e para o atendimento bem sucedido dos doentes.

A homeopatia se estendeu e os cursos de especialização médica obtêm reconhecimento oficial em países como a França, a Inglaterra, o Brasil e o México. A lista de fármacos foi crescendo. Como disciplina médica digna, a homeopatia assume o desafio perante a ciência. Aceita a responsabilidade e a necessidade de oferecer evidências extraordinárias para a sua proposta

extraordinária de ser o melhor método curativo, o de maior alcance e que, em termos percentuais, oferece as melhores soluções para todo problema em patologia humana, animal ou vegetal.

Kleijnen e cols [23], em 1991, identificaram 107 estudos clínicos controlados, 68 dos quais foram randomizados. Em 81 desses estudos, os resultados da homeopatia foram “positivos”, em 24 “negativos” e 2 estudos não puderam ser avaliados. A qualidade metodológica dos estudos foi avaliada a partir de uma lista de critérios pré-definidos e quantificados num sistema de tabulação. Embora a maioria dos estudos fosse de pouca qualidade metodológica, teve vários de qualidade elevada. Além disso, os estudos de alta qualidade com resultados “positivos” claramente ultrapassaram os de resultado “negativo”. Os autores concluíram que, com base nessa evidência, estariam prontos a aceitar que a homeopatia pode ser eficaz, se o seu mecanismo de ação fosse mais convincente.

Por sua vez, Linde e cols., em 1997, identificaram 186 ensaios controlados em humanos (excluindo patogênesias) [14]. Grupo placebo foi incluído em 133 estudos clínicos, porém 14 deles não foram randomizados e/ou duplo cego. Dentre os 119 estudos clínicos randomizados e/ou duplo cego controlados com placebo, 89 apresentaram dados suficientes para metanálise. A metodologia foi considerada pobre em dois terços dos estudos e excelente em 10% dos mesmos. Os resultados não deram suporte à hipótese de que todos os efeitos de intervenções homeopáticas seriam atribuíveis ao placebo, sendo confirmados pelas análises de sensibilidade e de subgrupo. Por outro lado, apontou-se o fato de que faltam reproduções independentes dos estudos, que demonstrem convincentemente o efeito de uma intervenção homeopática definida numa condição particular. Tem arbitrariedade considerável no jogo da informação disponível ou os estudos clínicos randomizados controlados com placebo tendem a produzir resultados falso-positivos [24].

Considerações finais

A realização de estudos novos baseados em modelos de estudo conhecidos não parece ser um caminho útil para se determinar, finalmente, se o efeito da homeopatia se deve a efeito placebo. Só a reprodução independente de estudos já existentes pode fornecer evidências relevantes. No entanto, como quase nenhum dos modelos de estudo utilizados representam o tratamento homeopático tal como ocorre na prática do dia-a-dia, é bem improvável que os resultados “negativos” tenham implicações práticas relevantes, mesmo para os clínicos homeopatas abertos aos estudos controlados. Uma estratégia de pesquisa quase exclusivamente focada na “questão geral do placebo” parece questionável para fornecer respostas úteis para a tomada de decisões clínicas.

Na opinião deste autor, é necessário reunir informações confiáveis sobre as características dos pacientes, as intervenções, os resultados e os índices de sucesso sob condições de ‘vida real’ e com uma variedade de desenhos de estudo. Tais informações poderiam vir a fornecer uma base racional para futuros estudos randomizados efetivos e eficientes.

A homeopatia é uma terapêutica nobre, que não causa nem danos nem iatrogenias. Pode ser utilizada com doentes de qualquer faixa etária, do parto às doenças terminais. Contudo, como as moléstias tem severidade e intensidade variáveis, a homeopatia deve atentar vários níveis. Em alguns casos, pode ser utilizada como tratamento para curar de modo total e profundo, sem a necessidade de meios exteriores, porque ela é suficiente para resolver o caso da melhor maneira. Esse é, por exemplo, o caso das moléstias cirúrgicas, que a homeopatia resolve sozinha, como os cistos ovarianos, miomas, hemorroidas, doença fibrocística da mama,

hiperplasia prostática, doença renal policística. Em outras moléstias, a homeopatia pode ser utilizada para a redução gradual da medicação convencional. O objetivo, aqui, é eliminar os danos causados pelos medicamentos convencionais ao doente, como no caso da rinite alérgica e asma, dermatites, gastrite, menopausa, artrite reumatoide, entre outras doenças que dependem de analgésicos potentes ou corticoides. Num terceiro nível a homeopatia funciona como tratamento de suporte ou adjuvante de outras terapias indispensáveis, como no caso do câncer, AIDS, broncoespasmo, diabetes, hipertensão, septicemia, etc. Em outras condições, a homeopatia pode ser utilizada como suporte no pré- e pós-operatório, antes e durante o parto, para minimizar efeitos da diálise, aderências depois de cirurgia abdominal, etc. Num grupo de moléstias, o sucesso da homeopatia depende do grau de especialização e proficiência do médico, como é o caso das doenças autoimunes – lúpus, esclerose múltipla, artrite reumatoide, epilepsia, asma, psoríase, doenças hematológicas, etc. Finalmente, há um grupo de doenças nas quais a homeopatia é especialmente útil: alergias, intolerâncias alimentares, enxaqueca, reumatismos, menopausa, infecções das vias aéreas, cistite, colecistite, hepatites, conjuntivites, e demais infecções virais, bacterianas ou micoses.

Referências

1. Tessier JP. On the legitimate position that homeopathy should hold in medicine. *British Journal of Homeopathy* 1856;14: 51-75.
2. Tessier JP. *Recherches cliniques sur le traitement de la pneumonie e du choléra suivant la méthode de Hahnemann précédés d'une introduction sur l'abuse de la statistique en Medicine*. Paris: Baillière; 1850.
3. Dean M. *The trials of homeopathy: origins, structure and development*. Essen: KVC Verlag; 2004.
4. American Institute of Homeopathy. *Transactions of the Sixtieth Session*. Chicago Publication Committee; 1904
5. Endler PC, Schulte J, ed. *Ultra high dilution: physiology and physics*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers; 1994.
6. Schulte J, Endler PC, ed. *Fundamental research in ultra high dilution and homeopathy*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers; 1998.
7. Dourempeuch C, ed. *Ultra low doses*. London: Taylor and Francis; 1991.
8. Bellavite P, Signorini A. *Homeopathy: a frontier in medical science*. Berkely: North Atlantic Books; 1995.
9. Ernst E, Hahn EG. *Homeopathy: a critical appraisal*. Oxford: Butterworth Heinemann; 1998.
10. Lo SY, ed. *Proceedings of the First International Symposium on Physical-Chemical and Biological Properties of StableWater (I_e) Clusters*. Singapore: World Scientific Publishing; 1998.
11. *Temas de investigación en homeopatía*. México: División Ed. de Propulsora de Homeopatía; 1991[2ª versão 1994].
- 12.- *Homeopatía: una terapia básica. Informe sobre la validez de la homeopatía a la luz de la cibernética*. México: Editorial de Propulsora de Homeopatía; 1991.
- 13.- *Research in homeopathy: publications and commentaries*. Lyon: Editions Boiron 1999.
14. Linde K, Clausius N, Ramirez G, Melchart D, Eitel F, Hedges LV et al. Are the clinical effects of homeopathy placebo effects? A meta-analysis of placebo-controlled trials. *Lancet* 1997;350(9081): 834-843.

- 15- Frass M, Dielacher C, Linkesch M, Endler C, Muchitsch I, Schuster E et al. Influence of potassium dichromate on tracheal secretions in critically ill patients. *Chest* 2005;127: 936-941.
16. Doutremepuich, de Sèze O, Le Roy D, Lalanne MC, Anne MC et al. Aspirin at very ultra low dosage in healthy volunteers: effects on bleeding time, platelet aggregation and coagulation. *Haemostasis* 1990;20: 99-105.
17. Jacobs , Jiménez LM, Gloyd SS, Gale JL, Crothers D. Treatment of acute childhood diarrhea with homeopathic medicine: a randomized clinical trial in Nicaragua. *Pediatrics* 1994;93: 719-25.
18. Petit C, Belon P. Got R. Effect of homeopathic dilutions on subcellular enzymatic activity. *Hum Toxicol.* 1989; 8: 125-129.
19. Davenas E, Beauvais F, Amara J, Oberbaum M, Robinzon B, Miadonna A et al. Human basophil degranulation triggered by very dilute antiserum against IgE. *Nature* 1988; 333(6176): 816-818.
20. Benveniste J, Aissa J, Guillonnet, D. The molecular signal is not functional in the absence of "informed water". *FASEB J.* 1999;13: A163 (abstr.)
21. Lo SY. Anomalous state of ice. *Modern Physics Letters B* 1996;10(19): 909-919.
22. Lo SY, Lo A, Chong LW, Tianzhang L, Hua LH, Geng X. Physical properties of water with IE structures. *Modern Physics Letters B* 1996;10(19): 921-830.
- 23.- Kleijnen J, Knipschild P, ter Riet G. Clinical trials of homoeopathy. *BMC* 1991;302(6772): 316-623.
- 24.- Reilly D, Taylor MA, Campbell JH, Carter R, Stevenson RD, Beattie NGM et al. Is evidence for homeopathy reproducible? *Lancet* 1994; 344: 1601-1606.